

A psicanálise existencial de Jean-Paul Sartre na peça “Entre Quatro Paredes”: o jogo de espelhos do encontro com o Outro.

Autora: Carolina Mendes Campos Oliveira

Introdução

O presente trabalho apresenta uma análise das personagens da peça *Entre quatre Paredes* de Jean-Paul Sartre à luz de sua proposta de compreensão da condição humana intitulada psicanálise existencial. Esta peça foi produzida e encenada no fim da Segunda Guerra Mundial, em maio de 1944, no Théâtre Du Vieux Colombier, a pedido do editor Marc Barbézat. Segundo Thody (1974), *Huis Clos* (título original) foi feita por Sartre com propósitos estéticos, diferentemente de sua produção anterior *As Moscas* de 1943, que continha um forte cunho político. A peça deveria ter baixo orçamento, sem mudanças de cenário e com apenas três atores possibilitando, assim, que pudesse seguir em turnê. Sartre tinha acabado de conhecer o jovem escritor Albert Camus e devido ao seu envolvimento com o teatro convidou-o para representar o papel masculino (Garcin). Aronson (2007) relata que por conta da insistência de Sartre, Camus chegou a participar de alguns ensaios no quarto de hotel de Beauvoir, mas acabou por gentilmente recusar o convite.

Como afirma Sanches Neto (2007) em seu prefácio da edição brasileira da peça, Sartre sempre foi um escritor comprometido com as questões relativas à existência humana, e neste sentido, o teatro acabou se transformando numa ferramenta eficaz para a divulgação de suas idéias. Em *Que é a literatura* de 1947, Sartre refere-se ao ato de escrever como um engajamento, na medida em que compreende a palavra como ação. Diz ele: “escrever é uma certa maneira de desejar a liberdade; tendo começado, de bom grado ou à força você estará engajado” (SARTRE, 2004, p.53). O escritor se define pelo tema que decide e, também, pela escolha de como conduzi-lo: “Em suma, trata-se de saber a respeito de que se quer escrever: de borboletas ou da condição dos judeus. E quando já se sabe, resta decidir como se escreverá” (*Ibidem*, p.23). A literatura e o teatro sartreano representam um exemplo de escrita engajada que podem ser usados

como forma de iluminar sua ontologia. Desta maneira, podemos discutir sua psicanálise existencial à luz de suas personagens, sendo esta a proposta que se segue na análise da peça *Entre Quatro Paredes*.

A psicanálise existencial

A grande inclinação de Sartre à psicologia é sensível desde seus primeiros trabalhos, mas, talvez, se torne mais evidente em sua proposta intitulada de psicanálise existencial. Seu ponto de partida é dado em *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica* de 1943, onde o autor reserva em sua quarta parte: *Ter, fazer e ser* um capítulo sobre a sistematização deste novo método. Este seria acrescido por considerações futuras sobre a utilização do método progressivo-regressivo em *Questão de Método*, escrito em 1957. A sua aplicação foi realizada nos chamados “analisandos de papel”, grandes personalidades cujas vidas foram foco de estudo biográfico como Baudelaire, Genet e Flaubert.

No referido capítulo de *O Ser e o Nada*, Sartre estabelece a compreensão do homem como projeto, já que é falta de ser, ele estaria em constante construção. Assim, para se encontrar uma via de compreensão satisfatória da existência é necessário focar a análise desta escolha que o homem faz de si mesmo, isto é, de seu projeto fundamental. Partindo da idéia de que a pessoa é uma totalidade, cada uma de suas tendências, ou melhor, cada uma de suas escolhas, das menores as mais significativas, devem ser consideradas como expressão integral do sujeito em questão, revelando um sentido transcendente. A psicanálise existencial pretende compreender o projeto fundamental realizando uma comparação entre as diversas escolhas de uma existência a fim de apreender o fio condutor que as unifica, uma vez que, nas palavras do autor “em cada uma delas acha-se a pessoa em sua inteireza” (SARTRE, 2001, p.690).

O **princípio** desta proposta parte da afirmação de que “o homem é uma totalidade e não uma coleção” (*Ibidem*, p.696), o que significa que não podemos estudar uma pessoa por “partes”, salientando suas tendências e complexos e depois os agrupando como forma de explicar e determinar sua existência. Por este motivo, o **objetivo** da psicanálise existencial é o de saber **interrogar** e **decifrar** cada uma das escolhas, a fim de que se possa **clarificar** a escolha de ser da pessoa, ou seja, o projeto fundamental. A nosso ver, este objetivo se circunscreve no campo da **fenomenologia**,

que tem como uma de suas tarefas fundamentais a elucidação de conceitos obscuros, indo além do dado imediato e visando alcançar a “gênese”, ou, as estruturas essenciais do foco de estudo em questão. O **método**, como referido anteriormente, é **comparativo**: “é pela comparação entre tais condutas que faremos brotar a revelação única que todas elas exprimem de maneira diferente” (SARTRE, 2001, p.696). Sartre complementa esta idéia em *Questão de Método*, afirmando que “uma vida desenvolve-se em espirais; ela volta a passar sempre pelos mesmos pontos mas em níveis diferentes de integração e de complexidade” (SARTRE, 1987, p.158). Uma a pessoa se expressa integralmente nas maiores e nas menores facetas de sua existência, sendo necessário saber extrair as significações de cada uma de suas escolhas, pois não há um só ato que não seja revelador do grande projeto de ser.

Aplicação da metodologia sartreana na leitura da peça *Entre Quatro Paredes*

Nas referidas condições em que lhe foi encomendada a peça *Entre Quatro Paredes*, Sartre decide escrever sobre o inferno, que, para ele, consiste em três pessoas obrigadas a conviverem em um ambiente fechado, sem as habituais pausas da vida cotidiana. Já nos primeiros movimentos da peça em um único ato, que de acordo com Sanches Neto (2007), serve para demonstrar que no inferno sartreano não há interrupção, o autor deixa claro o elemento central da obra: o *ser-visto*. A questão do olhar perpassa toda a narrativa começando pelo primeiro diálogo, onde Garcin percebe que o criado tem as pálpebras atrofiadas “A gente abria e fechava; isso se chamava piscar [...] Quatro mil repousos em uma hora. Quatro mil pequenas fugas” (SARTRE, 2007, p.34).

Essa referência à questão do olhar é, também, um dos temas centrais de *O Ser e o Nada*, onde o filósofo afirma que o modo de ser da consciência é para-si e também para-outro. A abordagem do tema tem início na simples constatação que faço quando observo uma pessoa. Segundo Sartre, tendo a tomá-la como objeto, “esta mulher que vejo andando em minha direção, este homem que passa na rua, esse mendigo que ouço cantar de minha janela são objetos para mim, sem a menor dúvida” (SARTRE, 2001, p.326). Ele afirma que esta é apenas uma das modalidades possíveis de meu encontro com o outro, porém, é claro, não é a única e aponta que a grande questão reside no ato de *ser-visto*. No momento em que o outro me olha, tudo se modifica como se ocorresse um “escoamento interno do universo”, uma “hemorragia interna”, pois quando sou

visto, não capto os olhos do outro, vou além e capto uma consciência que me olha por detrás desses olhos.

Se apreendo o olhar, deixo de perceber os olhos; estes estão aí, permanecem no campo de minha percepção, como puras *apresentações*, mas não faço uso deles; estão neutralizados [...] Jamais podemos achar belos ou feios, ou notar a cor de olhos quando estes nos vêem (SARTRE, 2001, p.333).

O outro me toma como objeto, “o olhar do outro me espacializa e me temporaliza, e eu me ofereço, sem defesa, à apreciação alheia; assumo, a despeito de mim, uma liberdade que não é a minha” (BORNHEIM, 2000, p.88). Daí a idéia sartreana de que toda relação é conflito, uma vez que meu encontro com o outro gera uma perpétua disputa pelo lugar da objetivação. É como se o olhar do outro, ao me objetivar, me transformasse em pedra, assim, como reação defensiva, resta a mim, petrificá-lo também. Para Sartre a petrificação provocada pelo olhar do outro revela o profundo sentido do mito da Medusa (SARTRE, 2001, p.531), onde todo aquele que olhava para ela era transformado em pedra. Essa petrificação, ao mesmo tempo em que repele, seduz, pois, justamente, o que quer o Para-si é alcançar a forma estável do Em-si. Por outro lado, é seu desejo alcançar o acabamento do Em-si sem perder sua fluidez e liberdade, isto é, atingir uma síntese perfeita, o que Sartre chama de Em-si-Para-si, ou o projeto de ser Deus. No caso do encontro com o outro essa forma objetiva é dada de fora, pelo seu olhar, logo, ela acaba por escravizar a liberdade, fracassando novamente o projeto de atingir a perfeição.

É isso que observamos no triângulo de *Entre quatro paredes*: Estelle precisa do olhar de Garcin para manter sua imagem de bela e desejável. Garcin precisa do olhar de Inês para se justificar de sua covardia e Inês precisa do olhar amedrontado dos outros dois para manter sua escolha de manipuladora. Porém, ao mesmo tempo, em que desejam esse olhar, a ponto de Garcin desistir de sair da sala por causa de Inês, este mesmo é o inferno para cada um deles, em outras palavras, “aquele que me olha” (*Ibidem*, p.332), é sempre o meu carrasco.

Estelle tem como projeto a manutenção de seu status e de sua imagem de bela e desejável. Ela é pura exterioridade, a ponto de afirmar que quando não se vê no espelho, precisa se apalpar para saber se existe. Órfã e de origem simples, Estelle se casou com um homem mais velho, segundo ela, rico e bom. Precisava de ajuda para cuidar de seu irmão menor que sofria de problemas de saúde, e, encontrou no casamento um caminho

para a resolução de seus problemas. Imersa em uma compreensão estética da realidade, a narrativa de Estelle sobre o próprio funeral é, também, marcada pela exterioridade. Ao falar do choro da amiga, não foca o sentimento, mas o superficial, logo ela não chora para não estragar a maquiagem.

Como Sartre aponta em sua psicanálise existencial, todas as escolhas de uma pessoa expressam em diferentes direções as significações originais de seu projeto de ser. Assim, Estelle tem um olhar estético tanto para si quanto para o outro. Por exemplo, no auge de seu desespero, pede a Garcin que olhe para ela: *“Eu te imploro, você tem que olhar mesmo pra alguma coisa. Se não sou eu, vai ser o bronze, a mesa ou os canapés”* (SARTRE, 2007, p.99). Em outra passagem exclama para Inês: *“não sou nada além de um corpo”* (Ibidem, p.100), e, ainda em outro momento, diz a Garcin: *“Você não tem o queixo de um covarde, nem a voz de um covarde, nem mesmo seus cabelos são de um covarde. É por causa da tua boca, da tua voz, dos teus cabelos que eu gosto de você”* (Ibidem, p.113). Estes trechos revelam a escolha de Estelle pela exterioridade, toda sua simbólica passa por significações bastante objetivas, ela toma tanto o seu corpo, quanto o do outro, como objeto e medida e não consegue ir além. Seu olhar para si e para o mundo é superficial, não tem uma leitura de interioridade, por isso, vive no plano do irrefletido, isto é dissolvida no mundo dos objetos e tomando a si e ao outro como objeto também. Ela não consegue refletir sobre seus atos, daí porque Sartre dá maior ênfase à falta que ela sente do espelho.

Esta idéia do espelho serve como uma metáfora para a questão da reflexão, que significa na teoria sartreana o movimento da consciência de voltar-se para si, ou seja, o ato de posicionar própria consciência. O espelho remete a este ato de posicionar a mim mesmo em imagem, já que o meu rosto pertence ao mundo e não há mim é somente diante do espelho que tenho acesso a ele. Da mesma maneira, o olhar do outro reflete minha existência objetiva e se não consigo refletir por mim, preciso que alguém o faça. Logo, Estelle, na ausência de espelhos, necessita que o olhar do outro a reflita. Por este motivo, ela é a última a confessar o seu crime e só o faz através do interrogatório dos outros dois.

É interessante notar a dinâmica imposta por Sartre às personagens em relação ao seu desligamento da terra. Quando seu projeto começa a fracassar no mundo dos vivos, eles vão aos poucos parando de ver e de escutar os que ficaram lá, intensificando no

inferno a tentativa de proteger e assegurar a tão desejada imagem. Com Estelle isso acontece no momento em que ela vê um antigo admirador seu dançando com sua amiga Olga. Esta conta ao rapaz o que Estelle fez à criança e as conseqüências que seus atos tiveram para seu amante Roger. Diz Estelle: *“Ah, ele me chamava de sua pérola, seu cristal. Bem, o cristal se estilhaçou”* (SARTRE, 2007, p.98). Na seqüência, exclama: *“Eu... eu não estou escutando mais nada. Nunca mais. A terra me abandonou”* e conclui *“Garcin, olha pra mim, me abraça”* (Ibidem, p.98). Isto significa que se ainda quiser salvar seu projeto de ser preciosa aos olhos do outro, terá que conquistá-lo entre as quatro paredes do inferno sartreano.

Enquanto Estelle é um exemplo de consciência irrefletida, voltada para o mundo e dissolvida nele, Inês representa a reflexão, sabe o porquê de estar ali e reconhece a responsabilidade de seus atos. Sartre deixa isso claro desde o início da trama em algumas de suas falas: *“Sei do que estou falando, eu me olhei no espelho”* (Ibidem, p.42) e num outro momento diz: *“Eu me percebo sempre a partir do meu interior”* (Ibidem, p.67). Estas duas passagens ilustram a consciência reflexiva de Inês, onde o ato de se olhar no espelho, simboliza o próprio ato de posicionar a consciência refletida. Por este motivo, Inês é a primeira a perceber a enrascada, onde cada um vai ser o carrasco dos outros dois. Em muitos momentos, ela funciona como um espelho a refletir a má-fé de Estelle e de Garcin, debochando da mentira que eles pregam para eles mesmos: *“A santinha está condenada, o herói sem mácula está condenado. A gente já teve a nossa hora de prazer, não é mesmo?”* (Ibidem, p.62).

Por outro lado, ela deixa escapar a raiz de seu projeto de ser, quando diz: *“Eu sou má: isso quer dizer que eu preciso do sofrimento dos outros pra existir”* (Ibidem, p.82). No contraste de suas condutas chegamos a uma mulher de imagem inferiorizada que afirma a Garcin que ninguém a admira e que depois exclama que se vê como podre. A análise de Sartre sobre o complexo de inferioridade demonstra que ele é sempre uma antecipação de condutas futuras de desaprovação, quer dizer, antes que o outro possa vir a realizar um juízo desfavorável ao meu respeito, eu o antecipo adotando uma conduta correspondente (MACIEL, 1986). O fato de precisar do sofrimento do outro para existir é também uma maneira de se colocar como para-outro, pois é ele quem detém o fundamento da escolha. É nesse jogo que Inês vê seu inferno e tenta a todo custo fazer com que Estelle veja Garcin através de seu olhar, de forma similar com que agiu em

relação à sua amante Florence e seu marido. *“Eu vou possuí-la, ela vai te ver com os meus olhos, como Florence via o outro”* (SARTRE, 2007, p.93). Mas, como o outro é tão livre quanto eu, todo projeto que se fundamenta na apropriação de um outro alguém fracassa, por isso, ela volta sua ira contra o terceiro elemento, no caso, Garcin: *“E ela, e ela? Você a roubou de mim: você acha que se a gente estivesse sozinha, ela ia se atrever a me tratar como me trata?”* (SARTRE, 2007, p.75).

Inês busca através da posse a justificativa para sua existência. Daí se explica a ligação que ela mantém com o antigo quarto que dividia com Florence. Uma vez que percebe que seu projeto de se apropriar do outro não vingará, ela “toma posse” do quarto e dá a ele uma qualidade que, na verdade, se aplica a ela: *“É... uma pechincha”* (Ibidem, p.79), em outras palavras, não tem valor para ninguém. Por isso, é em relação ao quarto que Inês vivenciará seu corte com o mundo dos vivos: *“Eles o alugaram [...] Acabou. Mais nada: não vejo, nem escuto mais. Acho que acabou o meu laço com a terra. Não tenho mais nenhum alibi. Estou me sentindo vazia”* (Ibidem, p.90). Quando o último traço de sua tentativa de posse se esvai da terra, ela parte para a disputa com Garcin pelo olhar de Estelle, pois é o que lhe resta.

Por fim, temos Garcin. Ele é o primeiro a chegar e logo no início da trama traz a tona à questão de que no inferno não há interrupção. Ele descreve o ato de abrir e fechar os olhos como um “descanso” da existência *“Um pequeno clarão negro, um pano que cai e se levanta, e aí está a interrupção”* (Ibidem, p.34). Descobre, porém, que a grande condenação é ter de viver para sempre de olhos abertos. No momento inicial, tenta se esquivar desta sentença e por diversas vezes propõe as suas companheiras que mantenham a polidez e permaneçam em silêncio. Fica sentado, com a cabeça mergulhada nas mãos, numa tentativa de olhar para si: *“cada um fica no seu canto; este é o jogo”* (Ibidem, p.63-64). Este comportamento de Garcin é simbolicamente relativo à falta que sente das “pausas” da existência. Tenta recuperar seu descanso se alienado da situação, mas é frustrado por Estelle e Inês que o recolocam no triângulo.

A contradição é a marca de sua existência. Em sua vida na terra era um jornalista pacifista, porém, em casa, era um péssimo marido, mulherengo e insensível aos sentimentos de sua esposa. Sua máscara social correspondia a de um herói, enquanto suas ações denunciavam sua covardia. Já no inferno, afirma ao criado que gosta de encarar as situações de frente, mas logo em seguida na presença das duas mulheres se

esquiva, abaixando a cabeça e permanecendo em silêncio. Vive em constante conflito com sua imagem, sendo sua má-fé a dissonância criada entre o que deseja ser e o que de fato faz de si mesmo. Escolhe ser herói e acredita em sua escolha, o que fica claro quando declara: *“Eu não sonhei com este heroísmo. Eu o escolhi. A gente é o que a gente quer ser”* (Ibidem, p.121). Inês denuncia sua incoerência afirmando: *“Somente os atos decidem a respeito do que a gente quis”* (Ibidem, p.121). Sua dualidade exerce sobre ele forças antagônicas que fazem com que se coloque de forma passiva e acomodada frente à vida. Estando satisfeito, ou não, procura se adaptar as situações para não ter de agir e modificá-las, sendo este o ganho que tem com sua má-fé: *“sempre vivi com móveis de que não gostava, e em situações falsas; eu adorava isso”* (SARTRE, 2007, p.30). O contraste de seu estilo com o de Inês o incomoda, pois serve para ele como um espelho a refletir sua não ação e, conseqüentemente, sua covardia.

A quebra do elo de Garcin com a terra acontece da mesma maneira que com as outras duas. No momento em que as garantias de sua fuga da existência se esvaem ele passa aos poucos a não mais ver nem escutar os vivos. Está, então, condenado a ser para sempre um covarde perante os olhos dos que ficaram. Como tentativa de salvação busca o olhar de Estelle: *“Se houvesse uma alma, uma única alma, para afirmar [...] que eu tenho coragem, que eu sou digno, acho... acho que eu estaria salvo”* (Ibidem, p.112). Porém, a superficialidade de Estelle não o satisfaz. Seu carrasco é verdadeiramente Inês que consegue desmascarar seu suposto heroísmo. Vê-se atormentado pelo desejo de ser justificado pelo seu olhar, por isso quando tem a oportunidade, não deixa a sala.

A problemática deste triângulo denuncia o que Sartre considera o embate das consciências, que, por serem liberdades vivem um perpétuo jogo de encontros e desencontros. Quando o olhar do outro está em harmonia com minhas expectativas não há conflito, mas quando isso não acontece, ele configura para mim um espelho crítico que aponta minhas falhas e mentiras. Daí a famosa frase de Garcin: *“O inferno são os Outros”* (Ibidem, p.125). Se a consciência é liberdade condenada a existir no mundo, e logo, com os Outros, não há fugas deste inferno, o jogo de espelhos está dado. É com relação a isto que se compreende o significado da última exclamação de Garcin que fecha a peça: como não tem saída, *“Pois bem, continuemos”* (Ibidem, p.127).

Referências Bibliográficas

ARONSON, R. **Camus e Sartre**: o polêmico fim de uma amizade no pós-guerra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BORNHEIM, G. **Sartre**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

MACIEL, L. C. **Sartre**: vida e obra. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1986.

NETO, M. S. O inferno segundo Sartre. In. **Entre Quatro Paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SARTRE, J. P. Questão de Método. In. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____ **O Ser e o Nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____ **Que é a literatura?** São Paulo: Editora Ática, 2004.

_____ **Entre Quatro Paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

THODY, P. **Sartre**: uma introdução biográfica. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.